

Funai decide investigar o conflito entre duas tribos

Do correspondente em
BELEM

A Funai constituiu uma comissão com três membros, chefiados pelo procurador regional, Raimundo Nonato, para esclarecer o incidente ocorrido entre índios parakanans e xikrins, no qual, supõe-se, morreram 16 índios parakanans. Na opinião de sertanistas experientados, a pacificação de grupos parakanans remanescentes é necessária para evitar novos conflitos, pois os dois grupos fogem às tentativas de contato com a Funai há mais de seis anos. Mas a paz entre xikrins e parakanans, tradicionais inimigos, só virá se a Funai puder fazer a mediação entre os dois grupos. O choque em que teriam sido mortos os 16 parakanans ocorreu no final do ano passado, mas só agora tornou-se conhecido. É provável que o último e mais grave conflito entre as duas tribos tenha surgido de uma tentativa de vingança por parte dos parakanans — que em 1969 perderam quatro guerreiros e duas mulheres num ataque dos xikrins —, em encontro casual com os inimigos.

A Funai confirma a existência dos conflitos, mas nada garante sobre a existência de mortes e o seu número.

O incidente teria acontecido por acaso: um grupo de 13 ou 16 índios parakanans, que tinham participado de um ataque contra os índios arauetés, um mês antes, encontrou-se com dois ou três índios xikrins que estavam caçando perto da aldeia de Bacajá, cerca de 150 quilômetros a Sudeste de Altamira. Várias flechas foram atiradas pelos parakanans, que, no entanto, apenas feriram um xikrins. À noite, os xikrins reuniram-se, cerca de 40, e decidiram organizar uma expedição para atacar os agressores, conseguindo cercá-los e, segundo uma versão não oficial, mataram todo o grupo. As fontes da Funai não confirmam esses detalhes, mas também não os desmentem. Acha o acontecimento possível, mas apenas dentro de 10 ou 12 dias é que divulgará relatório com a versão oficial do ocorrido.

O certo, porém, é que os xikrins trouxeram consigo nove crianças e uma mulher parakanan, que foram mantidos na aldeia como reféns e maltratados até que a Funai conseguisse removê-los para Altamira e, depois, para uma aldeia de índios parakanans, já contactados. Agora, asseguram as fontes, a situação é tranquila.

O choque entre índios é considerado normal pelos sertanistas que já atuaram na área. A hostilidade é mantida como uma tradição e as histórias de guerras vão sendo contadas às novas gerações pelos mais velhos, o que

vai mantendo a rivalidade. Essas hostilidades existem até dentro de subgrupos homogêneos. É o caso dos parakanans: três dos quatro grupos são inimigos entre si, assim como há cisão entre os xikrins e entre os kayapós.

Os parakanans tornaram-se fonte de problemas para a Funai desde 1970, quando a Transamazônica começou a ser aberta e o órgão teve de organizar às pressas o contato com esses índios, temidos na região. Nesse mesmo ano, a Funai conseguiu manter contato com os parakanans do rio Lontra e, em seguida, com os do rio Anapu, hoje aldeados, mas dois outros grupos — o do rio Cajazeiras e o do Ipixuna — continuaram fugindo à aproximação das frentes de atração.

Sertanistas da Funai crêem na existência de mais de 200 desses índios, bravos guerreiros, exímios atiradores de flechas e nômades por excelência, que ficam, às vezes quatro ou cinco meses sem estabelecer moradia permanente, armando e levantando acampamentos rústicos. Embora só ataquem os brancos para obter mantimentos e ferramentas (deixam sempre frutos como pagamento) eles são temidos pelos demais grupos indígenas, dos quais são inimigos.

Além dos parakanans, os maiores inimigos desses índios são os xikrins e os arauetés. Em 1976 os parakanans expulsaram os arauetés do rio Ipixuna, tomando sua aldeia, o que possibilitou à Funai manter contato com os arauetés. Quando os parakanans, em setembro do ano passado, atacaram novamente os arauetés recuaram, quando perceberam que entre os atacados havia um sertanista da Funai, João Carvalho, que tentou contactá-los, mas eles fugiram.

Por isso é que o sertanista acredita ter sido esse o grupo que se encontrou com os caçadores xikrins e os atacou, após ter percorrido — em pouco mais de uma mês, os 70 quilômetros que separam o rio Ipixuna do rio Bacajá. Isso explicaria a presença da mulher e das crianças, pois se os xikrins as capturaram "acredita-se na morte dos guerreiros, do contrário eles voltariam imediatamente para reavê-las", explica o sertanista.

Ele acha que os ataques se repetirão enquanto os parakanans não estiverem contactados. Do contrário, "sempre será possível que ocorram esses encontros e, se houve, eles entrarão em choque". Ou "então cada um dos lados continuará planejando emboscadas contra o inimigo".

Por isso a Funai tenta contactar com os dois grupos parakanans remanescentes, "para colocá-los em reservas e tentar a pacificação", diz ele.